

XI VOLTA A PORTUGAL

A equipa do SPORTING



1.º Classificação por equipas

Stadium

N.º 195 — 28 de Agosto de 1946

2#00



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

N.º 125 — 28 de Agosto de 1940

Stadium

N.º 195 ★ 28 DE AGOSTO DE 1946 ★ PREÇO 2\$00



E a «volta» continua, plena de esforço atlético, deliciosamente vivida na paisagem da terra portuguesa. Nessa marcha através as estradas o pedalar energético é cortado pelo ambiente emocionante, entuslástico, das chegadas dos corredores — como o que fixamos na chegada a Vila Real — ou pelo interesse que os campeões despertam, especialmente Fernando Moreira — um ídolo!

DE GUARDA A BRAGA

em plena paisagem transmontana
trava-se uma luta de gigantes

(Do nosso enviado especial
TAVARES DA SILVA)

VISEU, 21 (Pelo telefone)—*Que vertiginosa descida por toda a vertente da Serra da Estrela, da Guarda a Celorico da Beira! Uma estrada lisa e asfaltada, como que pista, sinuosa de curvas, descobrindo os mais belos horizontes, num cenário poético, de brancas aldeiazinhas que emolduram a Natureza.*

Mas os corredores pedalam insensíveis ao trecho de encantamento que a Natureza generosamente lhes oferece, mas que eles não têm tempo de gozar. Vemo-los cá de cima, e temos a impressão de que está a desenrolar-se uma serpentina colorida, porque o sol bate em cheio nas camisolas verdes, azuis, amarelas, brancas, encarnadas, emitindo reverberos dourados.

Já em Celorico da Beira se verifica grande entusiasmo. Em Fornos de Algodres atinge-se o rubro. Em Mangualde é indescritível. Os ciclistas deixaram para trás, há muito, o cenário da Serra, e percorrem agora uma estrada plana e de sombras. De Mangualde a Viseu é um instante! A proximidade da meta dá asas aos corredores, e os derradeiros quilómetros deste dia de sol, luminoso, são galgados sob avalanches de aplausos, quase metro a metro, pois as pessoas que vêm à estrada inrrompem do chão como que por encanto.

VISEU, 21 (Pelo telefone)—*Deixamos Guarda, o segundo dia de repouso, pelas 15.58. A frescura transformou-se em calor. Logo à saída, Gaspar Paulo jura. É o primeiro azar. Mais tarde havia de suceder o mesmo (que vissemos!) a Manuel Rocha e a Guilherme Jacinto.*

Temos na nossa frente uma descida de mais de uma dezena de quilómetros. Roda com roda, todos a descem furiosamente. Todos significa os mais fortes. Cá em baixo, na ponte do Mondego, encontramos, atormentado com dores nos rins, e verdadeiramente sucumbido, o benfiquense Alberto Coelho, por sinal o mais bem classificado do lote encarnado.

A caravana seccionara-se. Não só a descida a pique, como vários estíctos, no momento oportuno, tinham operado a fragmentação. Ainda antes de Celorico da Beira marchava à frente, rolando bem, um pelotão de catorze unidades, incluindo os mais fortes estradistas. Cerca de duzentos metros, pedala, isolado, um corredor, e logo vem, mais atrasado, um grupo formado por Carlos Qua-

dro, Manuel Pereira, Amândio Monteiro, Domingos Jacinto e Rafael Correia.

Por curiosidade, anotemos que os amadores Maximiano Rola, Manuel Gonçalves e Espadinha, havendo recolado Rato e Joaquim Costa.

Até Fornos de Algodres, quarenta e cinco quilómetros de marcha, os ciclistas gastaram 1 hora e 10 minutos, e isto marca o valor da corrida. Corta, aqui, a meta, em primeiro lugar, Fernando Moreira.

O corredor do Futebol Clube do Porto está a jogar a sua cartada. Mais propriamente, começou a jogá-la... Ao seu esforço, e na sua roda, rolam Lourenço, Rebelo, José Martins, Driss Custódio dos Reis e Aristides Martins.

Pensamos todos que os leões irão agora, aproveitando esta oportunidade, atacar impetuosa e furiosamente. Nada disso acontece. Os sportinguistas preferem a tranquilidade ao turbilhão! A sua atitude permite que recolem Djilali, Manuel Rocha, Manuel Gonçalves, Túlio Pereira e Império dos Santos.

Um pouco atrasados, seguem Augusto Correia, Joaquim Costa e Carlos Jesus Dias. Mais distanciados, Maximiano Rola, que mais tarde havia de recolar, dando provas de firmeza, e Serafim Paulo.

Colocado no pelotão dianteiro, Manuel Gonçalves, o amador do Sangalhos, sabe que o homem da camisola amarela da sua categoria se encontra atrasado. Ele, só, então, num esforço supremo, puxa. Mas os independentes não estão para andanças e o esforço amador, ao cabo de várias tentativas, abranda e rende-se, engolido pela inércia dos outros.

Em Mangualde, a meta ainda é atravessada em primeiro lugar por Fernando Moreira, dos independentes, e por Manuel Gonçalves, dos amadores. Até Viseu, o pelotão da frente não se esfrangalha. O portuense Fernando Moreira ganha sobre a linha da meta, mas todos contam o mesmo tempo. É, por enquanto, o que importa.

BRAGA, 23 (Pelo telefone)—*É notável o esforço que os ciclistas da undécima Volta vêm desenvolvendo e que mais se acentuou nesta segunda fase da Prova entre o 2.º e o 3.º dia de repouso, de Guarda a Braga, em meia dúzia de tiradas, verdadeiramente extenuantes!*

De Viseu saímos para S. Pedro do Sul, após uma despedida carinhosa por parte do público. Veio gente de todos os arredores para aplaudir os ciclistas. Estes, como que enlevados pela beleza panorâmica, seguem em marcha mo-

derada até S. Pedro do Sul, mas depois, ao encontrarem a má estrada e as subidas de Lamego, por Castro Daire, entusiasma-se e o irracionamento é fatal, como sempre acontece em semelhantes emergências...

Em Lamego, dominada pela igreja de N.º Sr.ª dos Remédios, está muito povo e há filas de cadeiras de um lado e de outro. Também na Régua o entusiasmo é grande. Enfim, eis-nos em Vila Real, uma terra lavada e encantadora, que nos abre carinhosamente os braços. Milhares de pessoas assistem, entusiasmas, ao sprint final — vivendo a grandeza do momento!

A partida de Vila Real, por ser contra-relógio, desperta menos entusiasmo. No entanto, neste percurso, de Vila Real a Mirandela, devia operar-se a revolução da camisola amarela. Os corredores travaram, pedalando isoladamente, uma batalha sem tréguas.

Saímos pela estrada do famoso circuito automobilístico, a caminho de Murça.

Atravessamos agora a característica região transmontana sob calor sufocante. Quase não podemos respirar. Só nos vale, de quando em vez, a sombra reconfortante dos castanheiros carregados de ouriços. Em Mirandela tivemos afectuosa recepção. Terra alegre, branca, e uma população hospitaleira. Há grande entusiasmo pelo desporto.

E seguimos no mesmo dia para Bragança, onde chegámos mais tarde do que supúnhamos. Milhares de pessoas, e muitas senhoras, aguardavam os corredores a pé firme. Um percurso um pouco triste, de raras povoações, com um trecho belo — a chegada a Bragança, que o velho e histórico castelo, lá no alto, cedo nos anuncia. A cidade esteve em festa nesta noite.

Ao outro dia, estamos a 23 de Agosto, partimos de Bragança para disputar duas tiradas, qual

delas a mais difícil e fatigante. Seguimos para Chaves, por Vinhais e Rebordelo, ainda em plena paisagem transmontana.

A estrada é péssima, acidentada e sinuosa. Os precipícios, belamente horríveis, como que atraem as máquinas. Chegamos a ter a impressão de que os corredores, na sua trágica corrida, vão lançar-se no espaço...

Em Vinhais temos uma paisagem carinhosa. O povo ofereceu-nos cervejas e chocolates. Os ciclistas não param e prosseguem na sua marcha de gigantes. Vão já todos cobertos de suor, mordendo poeira. O seu aspecto é fantástico. A beleza da corrida contagiava a gente humilde, na povoação de Rebordelo. Em Chaves, como sempre, toda a população vibra e dá-se ao espectáculo.

Mas as máquinas não param. Um almoço reconfortante, e eis-nos de novo a caminho, na direcção de Braga, ainda por estas estradas transmontanas — tão pouco convidativas. As grandes subidas são galgadas em ritmo veloz, e o pelotão subdivide-se em pequenos lotes, conforme as forças de cada um.

Por Sapiães, Barração e Venda Nova, a marcha é dolorosa, mas tem grandeza. Os corredores desafiavam a serra de Nogueira, cujos contrafortes parecem tremer...

Entrámos por fim no Minho, e a paisagem adoça-se — começando a descobrir-se verdes horizontes. Chegámos a Braga ao cair da tarde. Repete-se na chegada a cena de Chaves: um belo sprint de Fernando Moreira e João Lourenço.

Na Avenida Central, de um lado e de outro, há uma multidão, entusiástica, e imensa, que aclama delirantemente os corredores. Fernando Moreira é particularmente distinguido. Os últimos ciclistas já chegaram de noite, com as luzes acesas. Arde no seu peito a chama do desporto. Gozámos em Braga um dia feliz e socegado. Tínhamos esse direito.

De Braga ao Porto

PORTO, 26 (Pelo Telefone)—*Após o dia de descanso em Braga, para retomar forças e energias, os corredores despediram-se da linda cidade, manhã cedo.*

Regista-se quase logo no início o atraso de João Rebelo, com cólicas intestinais. Fernando Moreira vai cortando todas as metas em primeiro lugar, ganhando prémios sucessivos. Dão-se vários estíctos — sem resultado. Augusto

Correia, do Benfica, desiste sem motivo plausível. Assiste-se depois ao esforço magnífico, pleno de energia, de Rebelo que consegue recolar. A meta de Monção teve de ser localizada fora da vila — um pouco em descida. O «sprint» entre Fernando Moreira e João Lourenço, foi empolgante. Venceu aquele. Depois da chegada

(Continua na página 6)

O invulgar equilíbrio de valores que existe entre os ciclistas e entre as equipas

As possibilidades dos concorrentes depois das etapas da montanha

Em Braga, onde os corredores tiveram bem merecido repouso, depois das duras etapas de montanha desde Viseu (subiu-se o Marão e atravessaram-se as serras de Bornes, Nogueira e Padrela), as classificações mantêm-se indecisas, quer na categoria de independentes, quer na de amadores. O mesmo sucede na classificação colectiva de independentes.

Estes factos revelam, melhor que quaisquer considerações, o invulgar equilíbrio de valores que existe entre os ciclistas e entre as equipas. Nunca tal aconteceu nas «voltas» anteriores, e ainda bem que assim é, pois o ciclismo só pode beneficiar com o brilho da competição.

Neste momento, os corredores mais bem classificados de independentes são:

José Martins	47 h. 58 m. 45 s.
F. Moreira	48 h. 02 m. 19 s.
João Lourenço	48 h. 05 m. 20 s.
João Rebelo	48 h. 06 m. 02 s.
Driss	48 h. 09 m. 59 s.
Aristides Martins	48 h. 14 m. 40 s.
Djilali	48 h. 27 m. 47 s.

Isto é, do 1.º ao 7.º — onde se encontram os homens do Sporting e da Iluminante que contam para a classificação colectiva — a diferença é apenas de 29 m. e 2 s. Mas, se observarmos a diferença até o 6.º lugar, encontramos somente 15 m. e 55 s.

Não pode haver linguagem mais clara do que esta dos números. . . Eles dizem-nos que há ainda mais que um corredor com possibilidades de triunfo final e que nenhum dos mais bem classificados pode encerrar sem apreensões o

resto da prova. Falta ainda «comer» muitos quilómetros e, embora se vá entrar em terreno quase plano e em etapas relativamente curtas, as surpresas podem aparecer em cada curva da estrada.

Este desporto do ciclismo é o mais contingente que conhecemos. Há mil e um pormenores que podem influir na classificação dos corredores. Às vezes, uma leve indisposição, em contraste com o bom estado físico de um ou outro adversário, pode anular o esforço de muitos dias. E, afinal, a gloriosa incerteza do desporto.

Jogando ainda com os números, verificamos que o avanço de José Martins sobre os homens que mais de perto o seguem, e de quem ele mais deve temer-se, se cifra nestes tempos:

F. Moreira	3 m. 44 s.
João Lourenço	6 m. 35 s.
João Rebelo	7 m. 17 s.
Driss	11 m. 14 s.
Aristides	15 m. 55 s.
Djilali	29 m. 2 s.

Por equipas, em independentes, temos:

Sporting	144 h. 26 m. 2 s.
Iluminante	144 h. 36 m. 31 s.

A vantagem dos «leões» é, portanto, apenas de 10 m. e 29 s. Diferença insignificante, se nos lembrarmos que faltam ainda doze etapas.

Na categoria de amadores a luta para o primeiro lugar, que parecia já definido, está agora mais viva que nunca. O jovem Maximiano Rola perdeu tanto tempo na etapa para Braga que nesta al-

tura o seu avanço sobre Serafim Paulo, por coincidência companheiro de equipa, é apenas de 2 m. e 23 s.! Ora, sabendo-se que Rola não é muito forte no contra-relógio, facilmente tem de concluir-se que corre sério risco de perder a camisola amarela.

Por equipas, o Lisgás continua com bom avanço sobre o Campo de Ourique, que regressou, na etapa de Braga, ao 2.º lugar. O F.C. Porto ultrapassara o C.A.G.O. na etapa contra-relógio para Mirandela, graças ao bom comportamento de Joaquim Costa, mas a proeza de Rafael Correia, na etapa que antecedeu o descanso, foi de grande benefício para os lisboetas, visto que Joaquim Costa perdeu muito tempo nessa memorável caminhada.

Não é fácil arriscar um prognóstico firme nas duas categorias. Numa região que conhece como nenhum outro corredor, Fernando Moreira luta com certas vantagens; mas, em contra-partida, há que atender ao seu isolamento no meio das fortes e numerosas equipas do Sporting e da Iluminante.

Analisando a prova no seu aspecto geral técnico, há que salientar que os amadores continuam a justificar a inclusão no lote dos concorrentes à grande prova, mas que é à roda dos independentes que está a girar o maior interesse pela competição. E, por outro lado, nota-se que a «volta» está a ser disputada com extraordinária rapidez, como nunca se verificara nas «voltas» anteriores.

Percorridos, oficialmente, 1459 quilómetros (algumas quilómetros de etapas foram rectificadas em relação ao que havia sido publicado antes da prova), notam-se as seguintes médias gerais:

Independentes	30,455
Amadores	29,167

Não há dúvida de que a média de cada categoria é esplêndida. Mais de 30, nesta altura da corrida, nos independentes, sabendo-se que foram muitas as dificuldades a vencer (praticamente tivemos da Guarda a Braga cinco etapas de montanha), tem de considerar-se excepcional. Dentro do que é legítimo supor, as médias nas próximas etapas, planas e curtas, devem ser muito boas e, deste modo, o recorde da «volta» será largamente batido.

A média dos amadores é também boa. A diferença para os independentes justifica-se pela menor experiência dos jovens.

Manuel Mota

RODRIGUES TELES

O nosso companheiro de trabalho continua internado na Casa de Saúde

Continua internado na Casa de Saúde de Benfica o nosso querido camarada de redacção, Rodrigues Teles, vítima de um estúpido desastre em Portalegre. O atropelamento, só compreensível pela imperícia do motorista, deixou todos os elementos da caravana da Volta a Portugal sinceramente constribados.

Rodrigues Teles, entregue aos cuidados do dr. Cid dos Santos, continua submetido a um tratamento rigoroso, mas que felizmente nos deixa prever as suas melhoras.

O conhecimento do desastre deu motivo a que aquele nosso companheiro de trabalho recebesse um número infinito de provas de grande amizade. Desde o primeiro momento que em volta de Rodrigues Teles tem permeado um constante interesse pelo seu estado. Quer pessoalmente, pelo telefone, para a Casa de Saúde e para a nossa redacção, ou em dezenas de telegramas, amigos e admiradores do nosso camarada têm manifestado os seus votos de desejo de rápidas melhoras, acompanhando-os com palavras de boa amizade e de apreço pelas qualidades pessoais e jornalísticas de Rodrigues Teles.

Nos primeiros cuidados do dr. Manuel Frederico Costa, que em Portalegre lhe prestou os primeiros socorros, se seguiram outros de também imensa valia, ajudando a minorar, tanto quanto possível, os sofrimentos do nosso prezado companheiro. O sr. dr. José Cardoso foi dos primeiros a comparecer no Hospital de S. José.

Tavares da Silva, nosso chefe de redacção, e que Rodrigues Teles acompanha como enviado especial do «Diário de Lisboa», tem-se diárricamente informado telefonicamente do estado do nosso companheiro.

Todos quantos trabalham na «Stadium» têm passado uns momentos junto de Rodrigues Teles.

All estiveram também alguns dos distintos redactores dos nossos prezados colegas «Diário de Lisboa», «Diário de Notícias» e «Mando Desportivo».

Entre o monte de telegramas que o nosso camarada tem recebido apontamos alguns nomes, a todos agradecendo o seu interesse e as boas palavras: dos srs. Alfredo Vieira Pinto, do conselho de administração da Renascença Gráfica (Diário de Lisboa); Ricardo Ornelas, direcção

do Futebol Clube do Porto e Sport Lisboa e Benfica, do júri da XI Volta a Portugal, Laureano Ventura e Basílio de Oliveira, do pessoal da secção de retoque da Neogravura, Manuel Capela, Artur Carvalho, pela equipa de «Iluminante», do Estrela e Portalegre F. C., Benigno Cruz, Hermann Victorino, Emilio Loabet, Alberto Brito, presidente de A. F. do Porto; Alberto Valente, António Moreira, José Guimarães, Francisco Bravo, das irmãs Meirelles, Antero Guimarães, António Torres, Mário Soares, Marques Lima (Penafiel), Henrique Santos (Arouca), Tavares Teles, (Pinhão), Manuel Duarte Monteiro (Porto), Ivo Lemos (Porto), Olivio Oliveira (Matozinhos), Marino Vilela, José Miranda J.º, Jorge e Rodrigues Garcia, Caetano Matos Tapada (Tondela), dr. Amadeu Rodrigues, director de «A Voz Desportiva»; Isidro Silva, Amadeu Orlando (Porto), José Tavares de Sousa (Campo de Besteiros); Organizações Probox, Francisco Brito, José Monteiro Poças, Mário Valente Ramos, Genzi Deska, treinador do Famalicão; Aureliano Coimbra (Campo de Besteiros), António de Oliveira, Américo Hernani, José Carvalho, Herminio Oliveira (Matozinhos).

Rogério Peres, redactor do «Diário de Lisboa»; João Crisóstomo de Sá, administrador do «Diário de Lisboa»; dr. António Matos Chaves, dr. Artur Novais, dr. João Maria Cardoso, dr. Carmo dos Santos, dr. Mário Viegas, Alves dos Santos, redactor do «Comércio do Porto»; etc.

Homens da XI "VOLTA" FERNANDO MOREIRA do F. C. P. Campeão nacional absoluto



O grupo de ciclistas do F. C. do Porto, num momento de descanso, em conversa amena com o nosso camarada Rodrigues Teles

FERNANDO JORGE MOREIRA, o valoroso campeão nacional de fundo e de velocidade é uma simpatia. Vestiu a camisola amarela em Beja, mas nem por um momento perdeu o seu modesto, despreocupado.

O admirável ciclista do F. C. do Porto tem despertado muitas atenções pelo caminho, podendo mesmo afirmar-se que é um dos homens mais populares da «Volta». Os restantes colegas de equipa estimam-no e temem-no. Moreira é de facto um corredor de fibra, homem de perder e ganhar, mas acerta sempre as situações criadas pela fortuna ou pouca sorte.

Fernando Moreira reagiu como poucos. Vimo-lo fazer isso na tirada Ferreira do Alentejo - Faro — a etapa destruidora. O campeão nacional batido pela infelicidade numa estrada intransitável, tão poltrenta que a meia dúzia de metros não se via um carro de spolo, o mais pequeno vulto, teve de ficar para trás por duas vezes: — um furo e avaria numa roda. Teve de fazer uma perseguição de hora e meia. Magistrat, nessa emergência! Fernando Moreira galgava todos os homens que lhe apareciam pela frente, não parando, não permitindo companhias. Nenhum ciclista da «Volta» que tivesse perdido contacto com o contacto com o pelotão e o pelotão lhe «segurava» o passo!

Só na descida da serra do Caldeirão conseguiu aproximar-se. Decididamente nervoso e cheio de brío, colou-se ao pelotão, para não mais o abandonar, até Faro, até à meta.

Dissémos então ao simpático nortenho:

— Isso custou um bocadinho, Fernando!

— Bastante! Fui forçado a atrasar-me, por avarias, e o acidentado do terreno e a serra não me deixaram de momento encontrar o forte pelotão da vanguarda. Mas nunca desanimei. Foi o que me valeu.

— E em Beja, vestirá a «camisola amarela»? — perguntamos-lhe já na capital alentejana.

— Quer que lhe diga uma coisa?

— Diga sempre...

— Fui surpreendido com isso. Ainda não fiz um nada para conquistar a camisola.

— Porque não quis?

— Não. Porque é cedo...

— O Moreira não denuncia com estas palavras qualquer ponta de desanimo não é verdade?

— Quem fala nisso? Se perder agora a «camisola amarela», tentarei recuperá-la na outra alta. Há um perigo: — Techo de lutar contra muita gente de valor. A minha equipa no conjunto, não é famosa, este facto pode influir no rendimento.

— Onofre...

— É um excelente companheiro e um rapaz com muito futuro. Quando atinge a meta em pelotão — sabe classificar-se admiravelmente. Falta-lhe, porém, muita prática, o que virá com o tempo. Onofre tem 18 para 19 anos.

No grupo estava também Manuel J. Pereira, o simpático corredor do Salgueiros, que os delegados do F. C. do Porto, nesta prova resolveram tomar à sua guarda, quando repararam nas dificuldades que experimentava Manuel J. Pereira faz agora parte da caravana «portista», onde Francisco Gonçalves lhe aplica maçoagens, e João Rodrigues e Aniceto Bruno os melhores conselhos.

Disse-nos Manuel Pereira:

— Moreira ganha! Só se não for feliz. Fernando Moreira é um ciclista de alto a baixo.

O campão nacional sorri. Os seus olhos tornam-se mais vivos, fulgurantes. Não diz que sim nem que não. Aguarda os acontecimentos... No mesmo grupo, Aniceto Bruno, João Rodrigues — todos os corredores portistas e Império dos Santos, que veste por cima da camisola do F. C. P. uma outra do F. C. P., trocam impressões e dão conta de boa disposição. Um dos amadores, José Novais aventura-se a dizer:

— Estou ansioso pelos ares do Norte. Talvez a gente melhore um pouco. Por enquanto não temos sido felizes na classificação colectiva.

Fala agora João Rodrigues:

— Todos os meus corredores, independentes e amadores, Aniceto excluído, entram na «Volta» pela primeira vez. Moreira, mesmo tem apenas 4 anos de praticante. Subiu, no mesmo ano, de iniciado a «Independente»! Esteve para ir duas vezes a «Volta a Espanha» mas não o conseguiu. E' novo, 20 a 21 anos, e todas estas emoções lhe fazem bem. Jogará a sua cartada sózinho contra dois lotes fortes. Pois seja assim. A luta deste modo, terá mais beleza.

Quando as nossas conversas estavam no fim, surgiu-nos Raul Oliveira, director da «Volta» e do «Mundo Desportivo» com um telegrama dedicado a Fernando Moreira. Por ser engançado, transcrevemo-lo:

«A Direcção Grupo Onomástico Fernandes de Portugal reunida hoje apresenta cumprimentos V. Ex.ª e agradece se digne apresentar suas melhor saudações nosso humilíssimo Fernando Moreira detentor «camisola amarela» seu brilhante comportamento «Volta a Portugal».

O bi-campeão de Portugal leu cuidadosamente, satisfeito. E teve este comentário:

— Vou para sócio! Acho muita graça a este gesto.

RODRIGUES TELES



Os corredores do F. C. do Porto passeiam nas ruas de Beja



João Rodrigues, delegado do F. C. do Porto, Fernando Moreira e Aniceto Bruno, surpreendidos quando trocavam impressões

Fernando Moreira ao microfone da Emissora Nacional





Com frequência, por toda a «Volta», a caravana dos ciclistas oferece aspectos curiosos. Eis o pelotão rolando em terra transmontana

ASPECTOS da "VOLTA"



A expressão é enérgica. Lançados em perseguição dos «homens» da frente, os mais atrasados não esmorecem



A chegada a Chaves! Fernando Moreira baterá João Lourenço ao «sprint»



Dirta, bem ambadado, passa em Lameira



Custódio dos Reis um dos mártires da prova, antes da partida de Mirandela



Em Chaves, João Lourenço recebe um prémio



Depois da chegada a Vizeu, Túlio Pereira descansa

À MARGEM DA VOLTA

Quem anda na Volta a Portugal perde a noção do tempo. É vulgar a pergunta: Que dia é hoje? Quantos são?

Por vezes, desde os corredores aos companheiros, temos a impressão de que todos, nesta Volta, estão embriagados. O entusiasmo, o calor, a fadiga, a poeira, a vida nómada que levamos é, afinal, o que nos embriaga!

Onofre Tavares, a caminho de Vila Real, abandonou a prova. Tanto os seus companheiros de luta como todos os outros elementos da corrida sentiram vivamente a sua retirada.

Há muito que Onofre Tavares linha ganho, na caravana, o Prémio da Simpatia!

A equipa do Lorto é excelente, como camaradagem e como trato. Desde Fernando Moreira a Dias Santos, não esquecendo os amadores José Novais e Joaquim Sá, nem tão pouco o júnior Joaquim Costa, todos destruíram as maiores simpatias.

Nunca perdem a linha! As vezes, em plena estrada, vemos-os em maus momentos, mas, nem por isso, eles têm qualquer má palavra. Pelo contrário — sofrem com paciência e coragem.

Joaquim Costa, um rapaz novo, magro, hexágono, é já hoje um menino bonito da caravana.

Contra-relógio é uma fera! Quando chegámos a Mirandela e se soube o resultado, Joaquim Costa, que havia ganho mais uma vez esta espécie de tirada, comentava gaiatamente:

— Que pena não se disputarem todas as etapas contra-relógio!

Maximiano Rola, em Viseu, pediu a Manuel Mota uma nova camisola amarela.

— Não posso dar-lha, porque só temos uma. Como, de um momento para o outro, a camisola pode mudar de corpo, há necessidade de conservar sempre uma de remissa.

E logo alguém lembrou que Trindade, Nicolau e o Faisca nunca lavavam ou mudavam de camisola amarela.

Esta observação convenceu inteiramente Maximiano Rola!

Aristides Martins, que, diga-se de passagem, está a fazer uma boa corrida, é natural de uma pequena povoação nos arredores de Viseu.

...E falaram-nos dele de maneira impressionante! Aristides, de gente modesta, não se esquece dos seus, ampara-os e auxilia-os na medida do possível. Os ciclistas sabem ser homens!

Na tirada para Viseu, como se disse, no pelotão isolado de sete unidades, o Sporting tinha quatro dos seus melhores corredores — e ninguém percebeu porque não tentaram os leões a sua chance.

Armando Rodrigues, ao outro dia, em Vila Real, justificava-se — alinhando razões que desconhecemos. A máquina, o estado dos homens, etc., etc. Há coisas que só quem anda melido na tarefa é que sabe...

O nosso prezado chefe de Redacção acompanha a prova. Tem tanta popularidade como os ases do pedal.

— Olha! Lá vai o Tavares da Silveira!

— Já viste o seleccionador nacional? Está ali...

Alguns acrescentam, sem comentários:

— Aquele é que substituiu o Rogério!

João Lourenço destaca-se do grupo dos corredores pela simpatia e afabilidade do seu trato. Temo-lo novamente em plano de vedeta. Fosse outro qualquer, e teria desistido... pois João Lourenço galgou quilómetros e quilómetros sem poder sentar-se no selim. A sua retirada seria uma grande perda para a competição. Os sprints finais entre Lourenço e Moreira ficarão para nós inesquecíveis e valem como os momentos mais intensos, belos e emocionantes desta árdua caminhada.

As graças de Belo Redondo correm de boca em boca.

A partida de Braga — faz-se a chamada dos concorrentes. Ouve-se Luis Laureano:

— Vamos chamar os independentes, primeiro...

Logo Belo Redondo comenta: — Aqui não há ninguém independente. Todos dependem da Organização!

Custódio dos Reis deve ser apontado como um dos grandes mártires da undécima volta. Não há percalço que não lhe suceda nem azar que não o persiga. As quedas deixam-no escalavrado e coberto de sangue. Nada abala a moral do gigante!

Fernando Moreira é um grande ciclista, mas disse-nos outro dia, em segredo, que o desporto de que mais gosta é o futebol.

Tudo estaria certo se o conhecido ciclista não acrescentasse que jogava muito bem o futebol...

Os iluminantes formam um grupo simpático. A boa disposição dos marroquinos, poderemos juntar a alegria de Jorge Pereira, o entusiasmo de Manuel Rocha, Jacinto e Santos Rato, não esquecendo José Martins — que só fala o suficiente.

Ha dias, um jornalista perguntou a José Martins que estava ele disposto a fazer...

O rapaz abalou — sem dizer nada. Nesse mesmo dia conquistava a camisola amarela!

Os lisgás nunca esmorecem. Tavares da Silveira, o mano do seleccionador, anima o grupo, mesmo nos maus momentos. Aristides Paulo, como Carlos Qua-

dro e Pinto Ribeiro são bons desportistas. O lisgás corre com electricidade!

O grande orgulho do Carvalho, delegado do Iluminante, resume-se nestas palavras que ele pronuncia com viva satisfação:

— Saímos de Lisboa com dez homens. Entraremos em Lisboa com dez homens!

Na tirada Chaves-Braga, o corredor do Campo de Ourique, Rafael Correia, comportou-se admiravelmente e — prestando um valioso auxílio aos sportinguistas.

Sabemos que o Sporting vai dar-lhe um prémio. O comportamento do rapaz virou Benvido Cardoso, que acompanha a prova, do avesso. De aí em diante, B. C. anda tão contente que até já se esquece de afirmar, todos os dias, que é aquele que mais trabalha...

O dirigente Benvido Cardoso anda com sono. Isto diz ele a toda a gente, acrescentando:

— E por mal dos meus pecados não sou capaz de dormir, de automóvel...

Em plena serra, a caminho de Braga, encontramos um automóvel parado. Lá dentro, insensível à corrida, dormia um sono pegado o nosso Benvido Cardoso!

As partidas de bilhar entre os jornalistas Belo Redondo e Tavares da Silveira são célebres na caravana. Quase que se marcam leguas!

Belo Redondo, a propósito de tudo, tem uma graça ou um comentário que provoca sempre sorrisos. O único instante em que Belo Redondo não tem graça nenhuma é no fim — quando perde, quase sempre ao sprint.

Jornalista Desconhecido

A XI VOLTA A PORTUGAL

(Continuação da página 2)

caiam estes dois da frente e Guilherme Jacinto e Túlio Pereira. João Lourenço ficou com a perna direita rasgada de alto a baixo.

De Monção a Viana do Castelo a prova não registou grandes rasgos nem iniciativas, mas foi disputada com vivacidade. Fernando Moreira forçou por vezes o andamento e dão-se duas tentativas de Driss, anuladas por Rebelo.

Aproximamo-nos de Viana e começam a aparecer os trajos garridos das minhotas.

A luta ao «sprint» travou-se entre o campeão nacional e Custódio dos Reis, vencendo este.

No local da chegada assistiam os srs. major Botelho Monis e dr. Trigo de Negreiros, respectivamente Ministro do Interior e Subsecretário da Assistência.

Na segunda-feira de manhã disputou-se a tirada contra relógio Viana do Castelo-Povoas do Varzim.

Alguns dos corredores apresentavam-se cheios de ligaduras. Efeitos da dura batalha que vêm travando.

A 34 quilómetros, em Barcelos a posição dos corredores dava a sensação de que Fernando Moreira, com boa pedalada ganharia algum tempo a José Martins e de

que Rebelo não estando ainda de posse de todas as suas faculdades físicas passaria a ocupar o terceiro lugar, pois João Lourenço desenvolvia um esforço generoso e atravazava-se muito.

De Barcelos ao Estádio Gomes de Amorim, foi um instante e o «iluminante» José Martins, em toada regular conseguiu aproximar-se um pouco de Fernando Moreira. Todos os ciclistas lutaram com o tempo fazendo boa prova.

Driss a contos com furos não pôde fazer o seu melhor, mas a grande vítima havia de ser Rola, que com dois furos e tendo de aguardar o carro de apoio perdeu a camisola amarela, a favor do seu camarada de clube, Serafim Paulo, excelente ciclista.

Na segunda etapa de segunda-feira, Povoas de Varzim-Porto, verificou-se a desistência de João Lourenço, a conselho do seu médico.

A caminho do Porto, por Trofa, Carriço e Maia, o pelotão manteve-se quase sempre intacto. Todos, vigorosamente e como que impellidos por uma força, correspondiam às tentativas lançadas, principalmente por Moreira e Dias Santos, com intervenções magníficas de Rebelo e muito bem suportadas pelos «iluminantes».

Esta tirada decorreu em am-

biente de singular vibração. Ao aproximarmos-nos do Porto, encontramos filas compactas de gente, milhares e milhares de pessoas animando o seu herói — Fernando Moreira.

Ninguém se recorda de uma coisa destas passada aqui no Porto. Contado — não se acredita.

O Estádio do Lima estava completamente cheio e os portões do campo fecharam-se, ficando de fora muitas pessoas sem bilhete.

Quando os corredores entraram na pista em fila indiana com Império dos Santos à frente, vendo-se Fernando Moreira em 4.º lugar, parecia que estava tudo louco. Por momentos perdera-se o sentido da realidade.

No camarote do centro estava a família Moreira.

O campeão português ao aproximar-se o fim da 3.ª volta de pista embalou irresistivelmente, levando consigo também em corrida vertiginosa o sportinguista Custódio dos Reis, que respondeu com entusiasmo e brilho.

A etapa como é bem de ver não influíu na classificação geral, mas a chegada ao Porto constituiu um espectáculo inesquecível.

Fernando Moreira deu uma «Volta» à pista num «Jeep» e foi abraçado pelo sr. Governador Civil do Porto.

A «Volta a Portugal» tinha-nos dado o seu maior e mais belo momento de apoteose.



JOSÉ BENTO PESSOA

AINDA que possa parecer paradoxal, o ciclismo é um fenómeno muito posterior ao aparecimento da bicicleta.

Foi necessário que o Tempo aperfeiçoasse os aparelhos celeríferos — do tempo da Revolução Francesa — e as drézianas — coevas da Restauração — transformando esses monstros de pau, cheios de rigidez, nos instrumentos ligeiros e actuals, capazes de obedecer docilmente, para que se pudesse fazer desporto com velocípedes.

Um engenheiro alemão, Drais von Sauerbron, articulou em 1818 a roda dianteira, permitindo efectuar vireões. Os ingleses foram os primeiros a fabricar drézianas de ferro, mas o francês Michaux inventou-lhe o mecanismo mais útil: o pedal.

Diz a lenda que foi durante uma descida, efectuada contra-vontade, que brotou a ideia de manobrar o aparelho aplicando à roda anterior uns apoios móveis, para ambos os pés.

Um ano mais tarde, em 1862, fabricou 150 e, em 1865, vendia mais de quatrocentos «velocípedes», nome que logo se adoptou para os distinguir dos seus modestos e ridículos antepassados.

A 31 de maio de 1868, os britânicos, sempre inclinados a tirar conclusões despoitivas de qualquer coisa ou objecto, organizaram a primeira corrida.

Em 1869, dois franceses, Suriray e Thévenon, trouxeram novos benefícios ao aparelho: o primeiro, inventou o rolamento de esferas e o outro envolveu as cambas das rodas com cauchú.

Graças a este artifício, o inglês Moore ganhou a primeira corrida entre Paris e Ruão, em 10 horas e 45 minutos. Percorreu 124 km. à velocidade média de 11,730 km. à hora, sobrepassando trezentos concorrentes, cinco dos quais eram do sexo fraco.

Em 1890, já depois de Dunlop ter inventado os pneumáticos (verdadeira carta de alforria da bicicleta...), praticava-se, entusiasticamente, no nosso país, o novo processo de locomoção.

Os praticantes mais animados pertenciam ao Real Ginásio Clube. Deve-se ao desportista Herberti

— vejam os nossos leitores que precocidade! — a primeira bicicleta. O Real Ginásio acabou de se formar e um dos seus fundadores, Artur Seabra, executou uma dréziana de madeira, na qual ensinava os amigos.

O lugar escolhido para os «treinos» era a cerca do Hospital de Rilhafoles e não admira, por isso, que os lojistas desse tempo, arrastando melancolicamente os chinelos

Dagge, que prégou a cruzada a favor do novo desporto, o primeiro grande impulso.

Corresponderam, entre outros, alguns dos melhores nomes da sociedade lisboeta, que compeliem entre si e prepararam as primeiras grandes provas de 1885.

Cerca de dez anos antes linha-se fabricado em Portugal

de orello, supusessem os rapazes melucos!

Em 1895, fundava-se em Lisboa, a 5 de Agosto, a primeira associação velocípedica, que se chamou «Clube Velocipedista de Portugal». As primeiras corridas, levadas a efeito em Novembro, entre Santarém e Sacavém, foram ganhas por José Digo d'Orey e Eduardo Minchin.

O incremento que o desporto da bicicleta tomara em Lisboa irradiou por todo o País. Em 1893, creava-se, no Porto, o Velo Clube, cuja pista foi inaugurada a 29 de Junho de 1894, fazendo-se corridas que ficaram célebres.

No mesmo ano, a 1 de Novembro, fundou-se nova associação lisboeta, que se denominou Velo Clube de Lisboa. O entusiasmo e interesse dos adeptos do ciclismo aumentava de maneira assombrosa. Organizavam-se constantemente novos grupos, núcleos e associações; faziam-se corridas, desfejos

e excursões, sem cessar. Era um febre!

Urgia criar uma federação, que, à maneira da União Velocípedica de França, dirigisse e orientasse superiormente o ciclismo português. A ideia germinou muito tempo, mas só tomou consistência a 14 de Dezembro de 1899, nas vésperas de reinar o século vinte!

Entretanto fundara-se, em Algés, o Velódromo de D. Carlos, mercê de audaciosa iniciativa de quatro desportistas dedicados: José e Francisco de Campos Melo, João Anjos e D. Miguel de Alarcão.

Os grandes «ases» desse tempo foram Jorge e Eduardo Minchin, José d'Orey, Manuel Ferreira, José Bento Pessoa, o bacharel Sousa Júnior, Emílio Segurado, Mário Duarte (pai), D. Sebastião Herédia e José Maria Dionísio, como os precusores haviam sido Domingos Bastos, Norton Bernes e Herbert Dagge.

Eduardo Minchin, natural do Porto, foi o primeiro corredor de fundo da sua época. Então, com mais propriedade, chamava-se-lhe de «resistência»...

José d'Orey, educado na Alemanha, como o antecedente o fora em Inglaterra, era o seu maior rival. Mas, a especialidade em que brilhou foi a velocidade pura, o *sprint*, como agora se diz.

Em 1897, inaugurou-se em Madrid o velódromo de Chamartin, mais tarde, segundo cremos, transformado em campo de futebol.

José Bento Pessoa ganhou ali a corrida internacional e, nesse mesmo ano, o valoroso figueirense baixava o recorde de Jacquelin, em 500 metros, de 34,6 s. para 33,2 s.

D. Sebastião Herédia não lhe era inferior. Em 1898 venceu as corridas do «Centenário da Índia» sobre o francês Buisson, ficando Dionísio em terceiro lugar, e, na Grande Prova Internacional, ficou também vitorioso, seguido de Anónimo Lopes, campeão portuense.

A própria família real sofreu a influência da bicicleta. No dia 19 de Abril de 1899 a rainha D. Maria Pia de Saboia e seu filho, o Infante D. Afonso, dirigiram-se da Ajuda para Mafra e dali para Calabredo, com pessoas de seu séquito, fazendo todos o trajecto em bicicleta.

Só pensarmos no que eram as estradas daquele tempo faz arripir a espinha!

Mas, como vê, leitor, o ciclismo é um desporto tão português como os melhores. Tem pergaminhos mais antigos do que muitos que passam por venerandos; no brilho das suas páginas contam-se algumas vitórias internacionais conseguidas fora de casa; é plebeu, mas foi aristocrata e a própria realeza, dando-lhe o seu beneplácito, conferiu-lhe um lugar ao sol.

SEGURO PARA CICLISTAS

Cobrimo os riscos de

Acidentes Corporais

Assistência clínica e farmacéutica

Roubo e avarias na bicicleta

Responsabilidade civil

Fianças judiciais e policiais

É um seguro popular cujo prémio anual é de Esc. 97\$80, podendo ser pago em duas prestações

EFFECTUA-SE UNICAMENTE NA

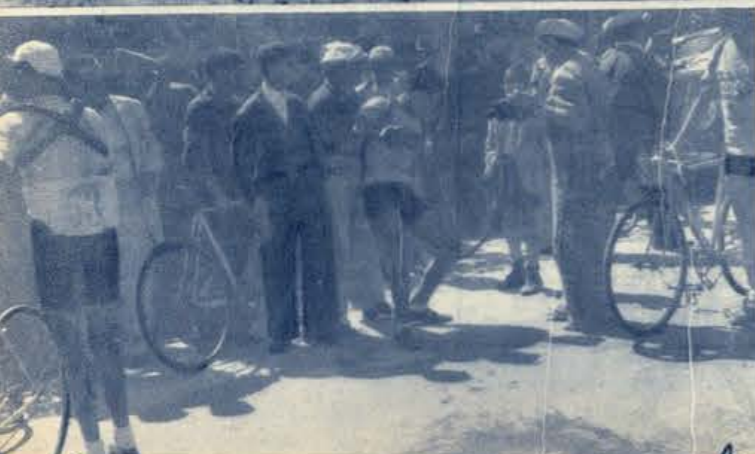
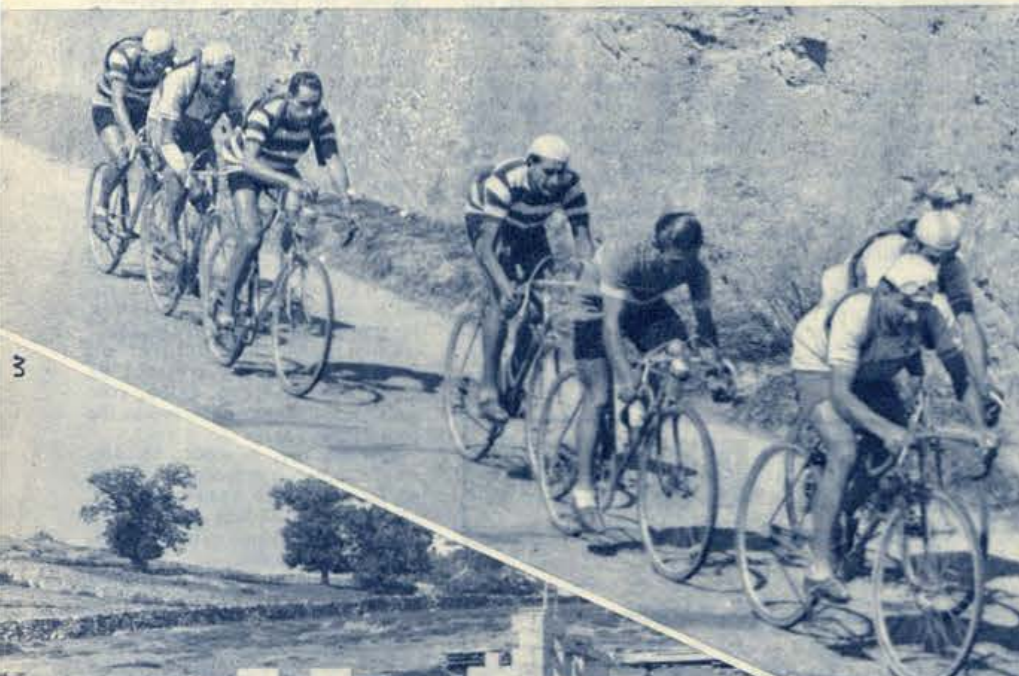
Companhia Europeia de Seguros

SEDE — Lisboa — R. do Crucifixo, 40 — Telf. 2 0911

FILIAL — Porto — Praça D. João I, n.º 25



PELAS ESTRADAS de PORTUGAL



1 — O pelotão vai a caminho de Bragança
2 — Na serra do Gerez, sete dos melhores
3 — A ponte do Barroco é atravessada em bom andamento
4 — Aspecto do desastre à chegada a Monção. João Lourenço, em braços, vai ser conduzido ao hospital



O «amador» do Lisgás despertou a curiosidade de sua arela
marcha pelas estradas envergando a camisola amarela
chamou a atenção desta gentil bragantina

AO princípio — ninguém dava por ele. Era um rapaz simples e modesto, que passava despercebido. De estatura regular, um pouco magro, apenas o seu bigodinho cinzento — uma linha estreita a acompanhar o lábio superior — o distinguia do grupo compacto dos concorrentes.

De resto, no começo da undécima Volta a Portugal, os amadores eram olhados com certa indiferença. Ainda não se sabia do que seriam capazes, e a atenção, quase inteira de toda a gente, ia para os independentes escolhendo ainda neste lote os nomes mais populares, aqueles que, pelos seus feitos no passado, já andavam na boca do mundo.

Começou entretanto a grande pedalada, e as primeiras tiradas não firmaram qualquer concorrente na *camisola amarela* de que todos, aliás, andavam enamorados. Uns poucos vestiram-na para logo a despirem, no campo da honra. E aqui surge Maximiano Antunes Rola — a rolar como os melhores...

Aquele rapaz aguenta-se sempre com os fortes... — era a nossa observação quando o vimos aguentar todos os estícos, não perdendo o contacto com o pelotão dos primeiros. Um dia ficou na posse da *camisola amarela*. Num ápice, começou a ser conhecido e respeitado. Hoje, é vulgar ouvir-se na estrada: — Lá vai o Rola! Ah! Grande Rola! E o nome do Lisgás também é falado.

Maximiano Rola, e não Maximino, como os jornais começaram a dizer, não abandonou a sua posição de modestia. Continua bom rapaz, franco, calado, um pouco tímido, e excelente camarada. Vive para a corrida, intensamente, e leva dentro de si o grande sonho de triunfar.

Ao chegarmos a Braga, após duas etapas de mar-

HOMENS' da XI "VOLTA" MAXIMIANO ROLA

Ciclista desconhecido que se revela um estradista de grandes faculdades

trio, Maximiano Rola continua a envergando a *camisola amarela*. Uma rápida troca de impressões define o homem e o ciclista.

- O seu nome...
- Maximiano Antunes Rola.
- Nascido em...
- Tomar.
- Idade...
- 22 anos.
- O seu clube?
- Lisgás e não conheço outro.

A conversa anima-se um pouco. Rola responde prontamente a todas as perguntas. Está mesmo contente por falar conosco. Quem sabe! Talvez seja a sua primeira entrevista!

— Corre em bicicleta há muito tempo?

— Apenas há um ano. Foi o Jorge Pereira que meteu isto na cabeça, encaminhando os meus primeiros passos...

— Mas já tinha entrado em corridas...

— Classifiquei-me 2.º nos campeonatos nacionais de amadores do ano passado, e sou detentor na minha categoria do *record* Lisboa-Torres Vedras e volta, com 3 horas, 17 minutos e 43, isto é, uma melhoria de 9 minutos em relação ao tempo antigo.

— Gosta dos seus companheiros da Volta?

— Muito. Especialmente dos *Independentes*. Quase que me dou com eles melhor do que com os amadores... Aqueles animam-me, e os seus conselhos são-me úteis. Vê-se que desejam que uma pessoa corresponda...

— Quais são os corredores que mais aprecia?

— João Lourenço, João Rebelo e José Martins, não esquecendo Jorge Pereira — que tem um cantinho especial na minha amizade.

— Quem ganha esta Volta na categoria de independentes?

— Julgava que Rebelo já não largasse a *camisola*. Tinha valor para isso. Mas no ciclismo vive-se também da sorte e do azar. E o corredor sportinguista não está bom de saúde. Agora, José Martins tem probabilidades. É também um extraordinário ciclista! Mas é preciso não esquecer que o português Fernando Moreira está na Prova!

— Em amadores?

— O rapaz sorri e não esconde as suas esperanças:

— Vamos a ver. Se não tiver azar... E logo muda de conversa, falando-nos ainda de Jorge Pereira, que ele considera uma competência no aspecto técnico, e de João Lourenço, um *sprinter* formidável, diz-nos com entusiasmo.

— Entre os amadores, quem considera melhores?

— Serafim Paulo, do Lisgás; Manuel Gonçalves, do Sangalhos; Domingos Jacinto e Rafael Correia, do Campo de Ourique.

— Tem alguma tática em plena corrida?

— Procuro defender-me e defender a *camisola amarela*.

Assim acabou a nossa conversa. Quando acabar a Volta, Maximiano Rola, tranquilamente, voltará para a sua vida pacata do Larangeiro, continuando a ser o mesmo caixeiro de sempre. A popularidade ainda o não estragou.

T. S.

FLECHA
a bicicleta da actualidade

A ILUMINANTE

Avenida Almirante Reis, 6—Largo do Intendente, 11-17

TELEFONES: 46186/7 e 51146 LISBOA

de Braga a Monção



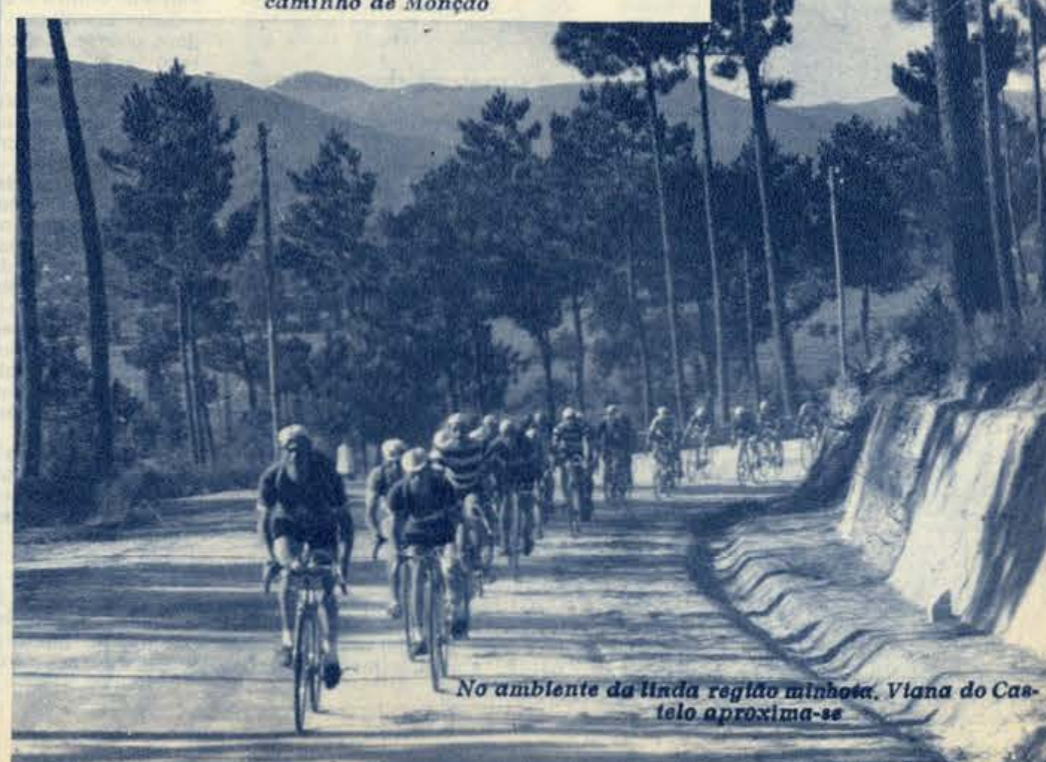
Os portugueses, «independentes» e «amadores» à partida de Braga



Já uns quilómetros andados. Depois de Braga — a caminho de Monção



Fernando Moreira, vence a etapa em Monção num «sprint» vigoroso



No ambiente da linda região minhota, Viana do Castelo aproxima-se

Juízo final sobre o PORTUGAL-ESPANHA

Na deslocação a Barcelona nem tudo correu pelo melhor, mas não foi só a viagem que derrotou os portugueses

POUCAS vezes um acontecimento desportivo de vulto terá dado origem a que se dissesse e escrevesse tanta coisa fora de propósito e fora da verdade como este IV Portugal-Espanha, disputado em Barcelona.

Desde certas críticas de intenção bem visível até às declarações pouco dignificantes de alguns atletas que mostraram possível bons músculos do peçoço para baixo, assistiu-se à verdadeira batalha do D. Quixote a esgrimir contra os moínhos: acusações tendenciosas, argumentação fora da realidade, desculpas de mau pagador.

Analisando, friamente, os factos, sem paixão — porque a não temos no caso, a que somos completamente alheios — as nossas conclusões são diferentes, embora coincidam, nalguns pontos, com o eco da censura geral. Há, porém, que discernir e atribuir as responsabilidades a quem de direito pertencem. Vamos, des-sombradamente, tentar fazê-lo.

Os males da deslocação a Espanha

A viagem foi molesta e fadigante, esteve longe do óptimo; sem dúvida.

Era preferível tomar um avião; incontestável. Simplesmente foi impossível consegui-lo e houve que procurar-se outra solução.

Acompanhámos muito de perto todas as diligências feitas pela Federação para conseguir transporte pelo ar e por isso podemos afirmar, com autoridade, que não descurou nenhuma possibilidade. A culpa do fracasso não foi dos seus dirigentes.

Adoptada de recurso a deslocação em comboio, acatou-se no máximo a correcção dos seus inevitáveis inconvenientes; antecipou-se a partida, previa-se uma estadia recuperante em Madrid, obteve-se uma carruagem de 1.ª classe privativa para levar a equipa a Barcelona.

Não nos venham dizer os fisiologistas de «três no vintem» que os atletas ainda tinham, dois dias depois, o fumo nos pulmões; acasaram alguns a fadiga da viagem, mas isso sucede sempre a quem se desloca, é o «handicap» com que há a contar, com que contaram pesadamente os espanhóis em 1945.

A permanência em Barcelona foi insuficientemente fiscalizada pelos dirigentes que tinham essa missão a seu cargo; já dissemos

que é verdade e aqui está o erro que mais pesa na responsabilidade de quem de direito. Foi uma lição; também já o afirmamos e, para futuro, bom seria que se estabelecesse uma norma geral que cinga os dirigentes exclusivamente ao cumprimento da sua incumbência, que não é de recreio, mas sim de sacrifício.

Durante as provas também falhou a assistência aos atletas em prova, mas, neste capítulo, temos que verberar a pouca cortezia dos espanhóis, que apenas consentiram a permanência de um delegado português no campo.

Finalmente, o rendimento global foi prejudicado pelo programa, que o seleccionador espanhol elaborara no evidente propósito de criar embaraços aos atletas portugueses que duplicavam provas; recordemos que dos espanhóis apenas Moncho Rodrigues participou em duas corridas, pelo que era indiferente aos interesses da equipa a ordem das restantes competições.

Os federativos são responsáveis por não haverem cuidado com antecipação do assunto, estabelecendo o programa de comum acordo e a devido tempo.

Estas são as críticas apresentáveis com justiça; mas não chegam para que se lhes atribua as culpas da derrota.

A fadiga da viagem não é motivo suficiente, porque se não fazia sentir no momento do esforço com a intensidade decisiva que lhe atribuíamos os mal intencionados. E vamos ver porque o afirmamos.

As marcas dos nossos internacionais

Os corredores de 100 metros, Nâncio e Paquete, obtiveram marca muito inferior aos tempos que lhes haviam sido atribuídos, durante a época, em Portugal, mas, mesmo assim, ganharam destacados, o que prova que houve qualquer factor estranho a exercer influência antagonista, pois também os espanhóis fizeram pior que o habitual.

Em 200 metros, Nâncio conseguiu o seu melhor tempo do ano e Peixoto Iragoetja, acusando os efeitos dos 400 m. da véspera.

Em 400 metros, Sampaio Peixoto bateu o recorde nacional e Matos Fernandes, apesar do começo de prova pouco decidido, ficou a um décimo de segundo do seu melhor tempo.

800 metros: Francisco Bastos (com os músculos doridos do esforço de sábado nos 1.500 m.) obteve a melhor marca da tem-

porada e João Jacinto estabeleceu o seu recorde pessoal, quarta marca portuguesa.

1.500 m.: Francisco Bastos bateu por 1,8 s. o mínimo nacional e o companheiro, Humberto, melhorou de 5 s. a sua melhor marca, igualando o segundo resultado português, que pertencia a Manuel Nogueira.

5.000 m.: Afonso Marques melhorou o recorde nacional e João Silva, apesar da pontada (que é um sintoma de fadiga respiratória, determinado a maioria das vezes por espasmo do diafragma), ficou apenas a 2,4 s. da sua melhor marca de sempre.

10.000 m.: Afonso Marques conseguiu o seu melhor tempo, ficando a 7,6 s. do recorde nacional; João Silva obteve o seu melhor tempo da época, a 33,2 s. da marca portuguesa que lhe pertence.

110 m. barreiras: mais resultados dos dois participantes, com atenções para Fernando Ferreira, que foi — como se diz agora nas crónicas da Volta — o «às do azar» em Barcelona.

400 m. barreiras: Matos Fernandes ficou a 1 décimo de segundo do recorde nacional e Artur Dias melhorou de 0,9 s. o seu melhor resultado, alcançando a 4.ª marca portuguesa.

Na esteira 4x100 m. melhorámos o recorde ibérico e na de 4x400 m., privados do concurso do melhor elemento, ficámos a 2,6 s. do recorde nacional, estabelecido há um ano no anterior «match» contra a Espanha.

Salto em altura: António Cardoso obteve o seu melhor resultado e 3.ª marca portuguesa; Matos Fernandes, fatigado pelas duas provas de 400 metros disputadas anteriormente, ficou apenas a 5 cm. do seu melhor salto de sempre.

Salto em comprimento: Dias e Tamegão alcançaram ambos menos 5 cm. do que o seu melhor resultado da temporada.

Tripla-salto: Luís Alcide conseguiu a sua melhor marca do ano e João Vieira — porque nunca acertou a chamada — ficou a 20 cm. do seu máximo de 1946.

Salto à vara: Falharam ambos os participantes, por motivos conhecidos e que nada têm a ver com o cansaço.

Lançamento do peso: Raivo superou todas as suas anteriores marcas do ano e Pinto Basto ficou a 20 cm. do melhor alcance anterior.

Lançamento do disco: Manuel da Silva rondou os resultados habituais e José Luis ficou a 2 metros do seu melhor lançamento, no início da temporada, antes da fractura do metacarpo,

que o impedia de treinar em Meio e Junho.

Lançamento do dardo: Resultado normal de Rodrigues e fracasso de Tamegão, que ficou a quase 7 metros do seu recorde.

Lançamento do martelo: Resultados inferiores de ambos os representantes portugueses.

Resumindo esta enunciação, somamos: 15 resultados superiores ao normal, 11 resultados normais e 10 inferiores ao rendimento habitual.

Encarando a situação sem partidatismo, parece-nos difícil afirmar que o rendimento sofreu grandemente, decisivamente, a influência anolante da viagem.

Os ensinamentos que ficaram

Sapomos, no entanto, que os dirigentes — pelo menos aqueles cujas ocupações particulares deixaram livre o tempo suficiente para análise dos acontecimentos — aprenderam bastante, para o futuro, nesta deslocação a Barcelona.

Em primeiro lugar, e sejam quais forem as cadtelas tomadas, a Barcelona, de combóio, uma vez e nunca mais.

Já sabíamos, por informações dos dirigentes que em 1945 acompanharam os nossos nadadores, quanto era tormentoso esse interminável caminho de duas noites em carruagens incómodas e sajas. Repetimos: uma vez e nunca mais.

O problema alimentar, que tanto afligia alguns técnicos de verão (porque durante o inverno só os preocupa o futebol), não pode solucionar-se, porque é consequência da crise geral em Espanha, reflexo do que se passa no Mundo inteiro. Aprende-se assim, pelo confronto, a apreciar quanto é folgada a nossa situação portuguesa, da qual, no entanto, todos nos queixamos, quando causaria inveja aos povos de tantas outras nações. Em cada país, temos que nos sujeitar ao regime em vigor; os atletas espanhóis, vencedores do encontro, estavam hospedados no mesmo hotel dos portugueses e comiam pela mesma ementa.

Evidencia-se, ainda, em Barcelona, o inconveniente da participação de um atleta em duas ou mais provas; a característica especial da competição, obrigando a muito maior esgotamento nervoso e ao dispêndio do esforço máximo a cada vez, arrasa sobretudo os corredores, quando não possuem a vitalidade e a resistência desse extraordinário Afonso Marques.

Em nossa opinião, os dois atletismos peninsulares, comparados pelos seus melhores valores, equivalem-se, mas o espanhol supera, sem dúvida, o português, em expansão e profundidade: o número de praticantes de que dispõe é muito superior e esta circunstância assegura-lhe maiores possibilidades para tomar progressivo ascendente, contra o qual teremos de opor um esforço constante de propaganda e um intenso trabalho de preparação técnica.

Ficam para a próxima crónica o estado e o plano destes dois objectivos.

Salazar Carreira

À VOLTA DA VOLTA

AQUELES que alguma vez percorreram de lés a lés as «sete partidas» desta linda terra portuguesa, seguindo de jornada em jornada as aventuras de um pelotão de ciclistas que se empenham, todos, em ser os primeiros a chegar ao fim da caminhada, — esses sentem, quando ficam, a nostalgia da peregrinação desportiva e acompanham com um sentimento especial de compreensão as peripécias que se desenrolam, longe deles, sobre a traçoira e interminável lita da estrada.

Sejam quais forem as circunstâncias de ambiente, sejam quais forem as condições em que decorra, a Volta a Portugal em bicicleta, agora na sua 11.ª edição com êxito público idêntico às precedentes, será sempre, para o interesse da grande massa popular, a mais poderoso dos aliciantes. Quem vivea directamente a atmosfera da Volta, recorda-a com saudade; quem

apenas a conhece pelos relatos, pela lagaz visão de uma passagem colorida, ou pela emoção momentânea de uma chegada vertiginosa, imagina-a sempre assim, empolgante, avassaladora, entusiástica. E, para uns e para outros, a Volta, durante três semanas, é uma obsessão.

Existe, numa competição de tamanha envergadura, um factor psicológico ligado às próprias características da sua organização e que justifica, só por si, a influência dominadora e exclusivista que exerce sobre as atenções da população do País inteiro. Já numa crónica escrita há anos demos a nossa explicação do facto: ao passo que as outras grandes manifestações

desportivas têm lugar fixo, onde é forçado a deslocar-se o espectador interessado, a Volta, generosamente, amavelmente, leva a sua vibração dinâmica ao domicílio do espectador; passa-lhe à porta, visita-o onde estiver, desde o monte perdido na árida charneca alentejana até à rude aldeia alcandorada nas serranias transmontanas.

Só aqueles que já andaram na pitoresca caravana ciclista sabem apreciar, no devido valor, o que representa, para milhares de portugueses cujo mundo se resume aos limites do seu horizonte, cuja vida decorre de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro na invariável monotonia do rude labutar dos campos, a passagem

ruidosa, rica de cor e de alegria, dos participantes na Volta. É dia de festa grande, talvez o dia da festa máxima que deixa assanto para conversas até à passagem do ano seguinte.

Este aspecto popular da Volta, que não sofre confronto com qualquer outra iniciativa de carácter similar, não pode, porém, deixar esquecido o seu merecimento desportivo. No calendário português ocupa lugar preferente, e a ela deve, sem dúvida, o ciclismo a sua crescente popularidade e os progressos técnicos dos últimos tempos.

A prova deste ano, com a feliz introdução da categoria de amadores, que renova os tempos das primeiras competições, em que alinhavam corredores fortes e fracos, vai ser, com certeza, o estimulante cuja necessidade se fazia sentir no marasmo do ciclismo português. Regulamentada de acordo com os objectivos especiais da sua organização, tem o triunfo assegurado; desportivamente considerada, encontramos-lhe uma única deficiência: a demasiado resumida quilometragem das suas tiradas, que impede a real e lógica selecção de valores e anula os benefícios que da sua realização poderíamos esperar sob o ponto de vista de preparação e adiestramento dos nossos ciclistas para as duras competições internacionais a que são chamados a concorrer.

Mas esse é problema para analisar de outro modo; por agora importa só que a Volta prossiga Portugal adiante e que arraste no seu fulgurante prestigio a curiosidade e a expectativa de sete milhões de portugueses.

Salazar Carreira

BOXE PROFISSIONAL

Kid Tunero e Battaglia, desclassificados

Martins, Larsen e António Silva foram dominados pelos seus adversários estrangeiros

QUEM disser que a sessão de boxe realizada na terça-feira, 20 do corrente, na Praça de Touros de Algeirs, foi um espectáculo sem interesse, é francamente parcial e injusto. O programa era bom, mesmo muito bom, e todos os combates, excepto o último, agradaram, não só pela classe dos pugilistas estrangeiros como pela réplica pronta e corajosa dos portugueses. O que não correspondeu à expectativa, como atrás informamos, foi a pugna entre Kid Tunero e Frank Battaglia, da qual se aguardava, com infundados motivos, muito câmbio de socos, formidáveis e tremebundos.

Sucedeu, porém, que Kid Tunero, sempre esgrimista e científico, reputado universalmente como possuidor de fraco poder de golpe, procurou dominar o adversário sem pressas, exibindo a sua habilidade, que é muita.

Claro está, nestas condições não houve propriamente combate, aquele combate que faz delirar o povinho e em linguagem plebeia se denomina «jogar à perca».

O ambiente do recinto antes de principiar o encontro, ruidoso e protestante contra a magnífica decisão do árbitro, sr. José de Araújo, que só um bom número de agentes da autoridade poderia acalmar, influiu consideravelmente nos acontecimentos.

Tunero e Battaglia foram recebidos com banzé enorme e principiaram o desafio sob uma atmosfera cheia de pólvora.

Mesmo assim, e considerando a circunstância da fadiga de duas viagens entre Madrid e Lisboa, no próprio dia do desafio, somos de parecer que os jogadores não se empenharam, como podiam fazê-lo, se as condições fossem outras, completamente diversas.

No fim dos cinco primeiros assaltos, o árbitro suspendeu o *match* e desclassificou os dois adversários por falta de espírito combativo.

Achamos a decisão absolutamente aceitável.

O combate entre Minelli e Jorge Larsen foi, quanto a nós, bastante bom. O moçambicano foi dominado desde os primeiros instantes e nada pôde conseguir ante um homem cheio de mobilidade, cujo trabalho à cara e ao abdomen, a curta distância, o forçava sistematicamente ao corpo-a-corpo.

Larsen tem reflexos, um método heterodoxo, mas eficaz, de combater certos adversários mais conhecidos; todavia Minelli superou-o, graças ao magnífico trabalho do seu punho esquerdo, entrando à cara e ao tronco com velocidade e decisão.

No 5.º período, Larsen procurou mudar a face dos acontecimentos, pois sentiu a batalha perdida e equilibrou as suas acções com as do parceiro. Daí até final foi sempre dominado, embora o italiano se ressentisse da fadiga viajeira, como é óbvio.

Desde o sexto assalto o rosto de Jorge Larsen sangrou e durante o oitavo encaixou grande cópia de socos. Nos últimos períodos da

luta, sucederam-se, com monótona frequência, os corpo-a-corpo, tirando ao desafio o seu melhor sabor.

A vitória de Minelli desagradou à assistência por motivo da sua... nacionalidade! Ouvimos, durante o decorrer do encontro, como ellás ouvimos antes, mencionar com antipatia o *macarrão* e o *esparguete*, sempre que um golpe atingia os estrangeiros nascidos para lá do rio Adige. O árbitro, todavia, foi justo e proclamou vencedor aquele que o mereceu.

No segundo combate da noite, o italiano Bonelli, muito ágil e manobrando o punho esquerdo com grande pericia, dominou abertamente Guilherme Martins durante oito assaltos excelentes. A velocidade de execução do jogador italiano, o trabalho da mão esquerda e a sua constante mobilidade sobre a plataforma foram os trunfos principais que lhe valeram a vitória.

Martins foi atingido no olho direito, ao 2.º assalto, e mostrou-se afectado, descontrolando-se no imediato. No 4.º, aplicou um bonito «contra» ao maxilar de Bonelli, seguindo-se dura troca de golpes com vantagem final para o português.

O 5.º é muito igualado, graças à iniciativa de Martins, mas no 6.º e 7.º o italiano coloca três socos sucessivos de excelente factura e ganha sempre em antecipação às tentativas do adversário.



(Continua na pág. 14)

Dois ídolos da Volta a Portugal

ACTUALIDADE TAUROMAQUICA



Simão, cravando um bom curto na corrida à antiga portuguesa



Gorjão dando o salto de vara, sorte que evoca os tempos de Goya

O tema da actualidade tauromáquica portuguesa continua girando em torno dos nossos novilheiros apesar da afirmação equestre do passado domingo, ainda que sem prejuízo aparente para os nossos cavaleiros. Estes, porém, apesar de constituírem tema permanente em Portugal, devem estar atentos ao fenómeno, porque é um fenómeno a aparição de novilheiros em Portugal.

O caso é que Manuel dos Santos, da Golegã, que já era reconhecido como jeitoso há alguns anos, agora, estimulado por Diamantino Vizeu, e picado pelos conterrâneos e partidários, está com ele em foco, aparte o caso de Augusto Gomes que já chegou a Madrid. Por isto escrevemos que Manuel dos Santos brilha com o reflexo de Diamantino, e empalidece quando este não se projecta a seu lado, como se verificou na última nocturna do Campo Pequeno; mas, depois teve Diamantino a seu lado, em Alcochete de dia, e em Santarém à noite.

Diamantino teve na primeira um único touro dos mansos que saíram, porque o outro se inutilizou nos currais, e foi eficaz com a capa, e teve um excelente par de bandarilhas, e uma faena à Manolete — escreveu o confrade dr. Saraiva Lima — e deixou-se colher, como Manolete quando é preciso.

O Manuel dos Santos esteve bem com a capa, com as bandarilhas e com a «muleta», isto é, estimulou-se com a presença de Diamantino. Salvas as distâncias, parecia que ia acontecer com este toureiro o que a Arruza aconteceu em presença de Manolete que logo na primeira vez que o viu, em Lisboa, procurou igualar, conseguindo-o se não em qualidade, pelo menos em quantidade, até no número de corridas que ambos tourearam em 1946. Sempre entre ambos haverá a diferença que vai do original à cópia, e estamos já vendo o que acontece a Arruza que este ano começou toureando sem Manolete. Arruinando-se, cortando orelhas até, Arruza encontra-se sem Manolete, sem amparo, como Belmonte depois da desapareição de Joselito. E o público descarrega nele só as exigências de quem paga caros os bilhetes porque sabem que ele se contrata caro, caríssimo, mais de duzentas mil pesetas por corrida — dizem.

Arruza corre em pelotão com outros que «apertam», até porque ele ganha mais, e lutando com outra novidade americana, ainda que de origem espanhola como ele. Acha a quem por equívoco chamam Ochoa, Manolete, toureando apenas uma corrida e grátis — a do Hospital de Madrid no dia 20 de Setembro — destacou-se do pelotão, e continua com a camisola amarela porque ninguém o pode ultrapassar.

Regressando ao tema dos nossos novilheiros diremos que nas Caldas da Rainha vimos Diamantino Vizeu dar novas provas de inteligência e valor. Assim, ante uma corrida branda, decidiu «aliviar» no 1.º, dando-lhe o terreno que o touro queria, o da presença natural, e aí o «muleteando» até alinhar; mas, ao segundo, aguentou-o, «tragando paquete», parando, desenganando-o, e fazendo-o tomar «naturales» até dar a impressão que o touro era mais bravo que os outros. De Viana do Castelo chegamos notícias que confirmam o que pensamos da posição de Diamantino Vizeu ante os seus colegas Augusto Gomes, que esteve bem, e Manuel dos Santos (da Golegã).

Em Espanha é que a posição de Diamantino vai mudar de aspecto. Desapareceu um dos seus companheiros da campanha de novilheiro, o desventurado Liceaga, e o outro, «Vito», vai tomar alternativa em Setembro. Os que ficam, Navarro e outros mais ou menos sabedores, mas sem personalidade, não devem dar trabalho a Diamantino. Mas o nosso compatriota não quer tomar já alternativa, como em Espanha lhe oferecem, e reserva-a lá para Julho do ano que vem, e com mais uma temporada de novilheiro vai-se encontrar com os que estão agora aparecendo, como esse Manuel Gonzalez que é um novo Pepe Luiz. E esta resolução de Diamantino recusar a alternativa, e as vantagens de aproveitar a novidade que constitui, e estar disposto a dar batalha aos que chegam, vem confirmar o que dele pensamos como toureiro valente, de forte e marcada personalidade.

EL TERRIBLE PEREZ

Matos, o forçado amador de Santarém, aguarda à sua altura



HOMENS DA XI "VOLTA"

JOSE MARTINS

O CORREDOR DE TODOS OS PERCURSOS DIZ QUE, SE NÃO TIVER AZAR, ENTRARA COM A CAMISOLA em LISBOA

JOSÉ MARTINS CARRASCO, natural de Padérne, é neste momento o homem da camisola amarela. E isto quer dizer muito. Quer dizer antes de mais nada, que ele é o melhor homem da «volta», facto de grande significado porque entre os adversários há corredores de muita valia; quer dizer, ainda que está à vista um «bolo» apreciável, já que a organização, no que diz respeito a prémios abriu bem os cordões à bolsa...

O público conhece bem José Martins. É aquele rapaz que veio há anos do Sul da França, onde se distinguiu em luta com ciclistas de certa fama, e que envergando a camisola dos «leões» ganhou, na sua estreia, a «Volta dos Centenários», em Santarém. Foi depois a duas «Volts» a Portugal. Na primeira que disputou obteve o 10.º lugar; na segunda, vestindo já o «Jersey» vermelho do Benfica, foi o 2.º classificado. Revelou, então, as suas faculdades de corredor da «Volta». Sim. Há homens próprios para as corridas deste género. «Falsa», por exemplo dos já afastados; José Martins dos que estão agora na prova.

A «Volta» exige regularidade, espírito de luta e de sacrifício, adaptação a todos os tipos de etapa, quer os percursos sejam planos, quer acidentados, por boas ou más estradas, curtas ou longas. O ciclista que saiba adoptar-se a estas circunstâncias tem grandes probabilidades de êxito. Ora, é este o caso de José Martins. O corredor da Iluminante só se inferioriza quando chove e o percurso desce. Em tais condições enche-se de receio. Fora disso acompanha todos os andamentos. Género «Maria vai com as outras» — permita-se a expressão plebeia... — José Martins vai com todos os corredores das mais diferentes feições técnicas.

No contra-relógio as suas características de ciclista regular patentearam-se exuberantemente. Foi precisamente uma etapa contra-relógio que José Martins conquistou, brilhantemente a «camisola amarela».

Foi também em Mirandela que o procuramos para recolher as suas impressões acerca do belo triunfo que obtivera e o levará ao 1.º lugar. José Martins descansava das fadigas da corrida. Mas não teve outro remédio senão conformar-se com a nossa presença...

Levantou-se a «resmungar» amigavelmente, no seu português mesclado de francês, e aproveitou o facto para se fazer maçar por Mário de Almeida.

Fizemos-lhe, então, a primeira pergunta:

— Então Martins como vai isso?

— Isto vai bem, senhor Mota.

E calou-se. Era pouco. Queríamos alguma coisa mais, de mais profundo e incisivo.

Já sabíamos, pela resposta de Martins, que o seu estado físico era o melhor possível. E o estado moral?

— Sente-se capaz de conservar a camisola amarela?

O ciclista da Iluminante sorri, «iluminou-se-lhe» o olhar... — e respondeu sibilicamente:

— Se não tiver azar entro com ela em Lisboa.

Apesar de tudo nota-se confiança na resposta do «leader» dos independentes. Ele conhece-se bem, sabe de que é capaz, já teve oportunidade de avaliar das possibilidades dos adversários. O seu tom de voz ressuma essa confiança nos próprios recursos.

Lançamos-lhe uma «rasteira».

— Mas olhe que os adversários são perigosos. Moreira, Rebelo, Lourenço...

José Martins volta a sorrir, agora com certo gesto enigmático. E replica prontamente:

Bem sei. Mas isso que tem? Cá andamos todos. A estrada é larga...

Passamos a outro assunto, ainda ligado à «volta»:

— Que pensa da prova deste ano?

— Desportivamente tem sido brilhante, muito movimentada e cheia de peripécias. Nos primeiros dias a dança da camisola amarela chegou a enervar-nos. Chegamos a desajar que ela se fixasse fosse em quem fosse. Já não podíamos mais!

Tem andado muito, acredite.

— Mas agora o Martins já a tem.

— E Deus queira que não volteemos à mesma dança...

Todos riem com a resposta de José Martins. Aparentemente o seu significado, e o seu alcance é profundo, revela bem o estado de espírito do «leader».

Nada mais queremos dele. Deixamo-lo a descansar mais uns momentos, que já não poderão ser muitos. Assim o compreende Martins que começa a preparar-se com tempo, para a partida.

Manuel Mota



1 — José Martins, já triunfante com a camisola amarela

2 — Em Mirandela, José Martins na cerimónia tradicional ao envergar da camisola amarela, que lhe é vestida pelo presidente da Câmara Municipal

3 — José Martins sujeita-se a um tratamento cuidadoso. Os músculos requerem de facto uma atenção especial

4 — Enquanto é maçojado José Martins conversa com o nosso camarada Manuel Mota

Comentários

Os campeonatos de Oslo

AO cabo de tantos projectos, de intensa campanha de propaganda e de justificadas aspirações, os campeonatos europeus de atletismo começaram, em Oslo, sem a presença de representantes portugueses.

É muito de lamentar esta ausência, porque o atletismo possui já no nosso país elementos de valor suficiente para suportarem, sem destreza, o confronto em competição internacional de tanto culto. Matos Fernandes, em primeiro lugar, João Silva ou Afonso Marques, em segundo plano.

Que não se haja, sequer, podido corresponder ao convite da federação organizadora, que deslocaria um atleta a seu cargo, representa para o nosso desporto um fracasso evidente, que afecta o prestígio do movimento impulsivo que procura corresponder, nesta forma de actividade, ao progresso nacional em todos os outros ramos de acção.

Por isto, é da maior conveniência averiguar, com isenção, as causas, as verdadeiras causas que impediram a viagem a Oslo, pois em justiça se deve considerar que estão acima da vontade dos dirigentes responsáveis.

A Federação de Atletismo, uma vez mais, deve ter esbarrado na barreira intransponível da falta de recursos para assegurar a deslocação em condições suficientes; um atleta não se pode enviar para a Noruega sem alguém a acompanhá-lo e sem meios para satisfazer às necessidades de assistência e preparação.

O problema é o mesmo que se apresentou na viagem a Barcelona. Solução, só tem uma: assegurar à Direcção Geral dos Desportos uma receita anual bastante para poder dispensar aos organismos dirigentes dos desportos pobres o auxílio financeiro que lhes seja preciso para o cabal desempenho das suas obrigações em provas de carácter internacional.

Não sendo assim, é impossível manter a expansão do des-

porto português no plano que todos julgamos indispensável à legítima equivalência com os esforços dos dirigentes e praticantes para corresponderem ao impulso progressivo geral da Nação.

Nas devidas proporções

Anecessidade de satisfazer às exigências da curiosidade ou da paixão do público obriga muitas vezes a serem alterados, nas suas devidas proporções, o desenvolvimento e a importância dadas pela imprensa a acontecimentos simultâneos.

O interesse do leitor é que dita a ordenação dos factos, o realce a dar à notícia, o espaço e o local que lhe são consagrados no jornal; isto, claro está, dentro de determinadas condições e limites.

Sucedem, às vezes, que o interesse popular coincide com o vulto do acontecimento e então concordam a realidade e a lógica; mas, quando acontece verificar-se divergência, a lógica é implacavelmente sacrificada. Tivemos, ainda há pouco tempo, na vida activa do nosso desporto, um exemplo flagrante desta disparidade imposta pela exigência apaixonada do público.

Foram os nossos velejadores de longada a Inglaterra participar, em competição com experimentados adversários de diversas nações, numa das mais importantes e apreciadas regatas do calendário britânico. A aventura era ousada e uma classificação nos primeiros lugares seria já motivo para júbilo.

Fizeram melhor, os nossos briosos rapazes, porque conquistaram, para Portugal, a Taça Connaught.

Pois, no dia seguinte, os jornais portugueses noticiavam tão transcendente acontecimento em meia dúzia de linhas, na terceira ou quarta página, ao passo que a referência à Volta a Portugal ocupava largo espaço na primeira página e transbordava ainda para o interior.

Os Nacionais femininos e a taça "Afonso Salcedo"

foram ganhos pelo Sporting

O programa elaborado para domingo passado, com os Nacionais femininos e o torneio da taça «Afonso Salcedo», tinha suficientes elementos de interesse para levar ao Estádio uma assistência regular. O público não faltou, de facto, e mostrou o seu agrado pelas competições que presenciou, mas o brilho da sessão sofreu de dois inimigos: um, inevitável, o vento; o outro, de lastimar, a deficiência de organização.

Apesar da multidão de pessoas que sempre se mantiveram no terreno, parece que os dirigentes eram muito poucos, o que embarçou a sequência das provas; a falta de policiamento também contribuiu para constantes evoluções do público pela pista de ciclismo, o que causa péssima impressão de desordem.

Notemos, no entanto, que todas as competições decorreram com a maior regularidade e, ainda, que o juiz de partida — o mesmo da jornada precedente — satisfez integralmente no desempenho das suas funções.

A competição masculina foi francamente favorável ao Sporting, que caprichou em apresentar uma equipa completa — apenas faltou Francisco Bastos, decididamente pouco disposto a cansar-se — com a qual se assegurasse a conquista do troféu que baptizava com o nome de um dos seus mais prestigiosos e mais dedicados atletas e dirigentes: Afonso Salcedo.

Como, porém, na quase totalidade das corridas, os benfiquenses — mais desfalecidos — deram boa réplica, o torneio manteve animação e interesse o público, que aplaudiu com boa disposição.

Das oito provas do programa, venceu o Sporting em sete, ganhando o Benfica apenas a estafeta 60x80x100, na qual João Jacinto se fez ovacionar pelos seus excelentes 100 metros, nos quais conseguiu acompanhar o famoso campeão Paquete, perdendo meio metro escasso durante o percurso.

O mesmo João Jacinto — o corredor mais em evidência da sua equipa — se fez notar na estafeta sueca pela óptima corrida de 200 metros, em que ganhou ao adversário mais de 25 metros; deve acrescentar-se, em abono da verdade, que o valoroso corredor

leonino é um utilíssimo elemento para as estafetas, porque é o atleta português que melhor recebe e transmite o testemunho.

Humberto Bastos é outro nome a citar; voluntarioso e sempre pronto a correr, este rapaz, cujos progressos foram extraordinários, pode ser citado em exemplo; colherá para o ano o prémio que merece pelo seu desportivismo.

Nos 300 metros e nos 400 metros da estafeta sueca, Artur Dias obteve sobre Eloi Costa Pereira duas significativas vitórias. O benfiquense pareceu-nos longe ainda da necessária condição física.

Um clamoroso bravo para Manuel Nogueira pelos seus enérgicos e bem conduzidos 3000 metros; partindo com 100 metros de avanço sobre Afonso Marques, terminou o percurso com a mesma distancia, defendendo-se do ataque final de Araujo com uma embalagem de 50 metros, que fez esquecer a sua veteranía.

Nos concursos, disputados com um sistema de classificação que nos pareceu arriscado — a soma dos 5 melhores resultados em seis tentativas de salto em comprimento —, apenas merecem realce os 6,93 m. de Alvaro Dias, a melhor marca nacional da temporada, auxiliada embora pelo vento.

Os campeonatos femininos, disputados por 17 raparigas, número que há anos não víamos nos torneios da categoria, tiveram maior interesse porque o Sporting pôde apresentar a sua equipa completa e apropriar-se de um título que o Belenenses, por certo, considerava seu.

A colaboração das irmãs Natália e Dália Cunha trouxe precioso reforço; a segunda venceu o lançamento do peso com um alcance de 8,52 metros, terceiro resultado português e excelente marca para uma estreante.

Hedi de Sá, a melhor atleta da actualidade, conquistou três títulos e dois recordes nacionais: o do salto em comprimento com 4,695 m. e dos 80 m. barreiras com 13,9 s.

Georgette Duarte, Ivone Martins, Leonor Rosa, Deolinda Meson e Almerinda Correia, que pela primeira vez não obteve nenhum campeonato, completam o lote dos valores aproveitáveis.

Salazar Correira

Boxe profissional

(Continuação da pág. 11)

No último, o italiano escorregou e caiu na lona, erguendo-se imediatamente. Durante o período conservou a vantagem que já acumulara e terminou indiscutivelmente vencedor.

O árbitro, que dentro das cordas mostra conhecer o seu ofício, beneficiou Guilherme Martins com um empate.

A abrir a sessão reapareceram Young Ciclone e António Silva. O primeiro, finta com habilidade e executa com velocidade lígrina; o segundo, é robusto, mas sabe pouco do ofício — como, aliás, todos os jogadores portugueses actuais.

A luta tornou-se muito unilateral e revestiu-se de pouca cortezia desportiva, de ambos os lados, com predomínio do jogador português. Do quinto assello em diante, Silva deu mostras de fadiga e terminou abundantemente socado no rosto. A decisão arbitral, concedendo a vitória a Ciclone, foi justa, mas a actividade do árbitro durante o encontro está em absoluto desacordo com as regras do ofício.

Antes de terminar, queremos lembrar o nosso protesto contra a hora tardia destes espectáculos quase fora de portas. Uma simples antecipação na hora inicial é suficiente para remediar o caso.

Rafael Barradas

Ano IV — II Série

Lisboa, 28 de Agosto de 1946

N.º 195

Stadium REVISTA DESPORTIVA	Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA	Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º — Telef. 51146 — LISBOA Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA

HIPISMO

A derrota do vencedor do Derby

PRINCIPE CAVALEIRO, o vencedor da corrida denominada Derby Francês, foi batido por outro cavalo da mesma nacionalidade, «Botão de Rosa», durante a disputa do Grande Prémio de Ostende, a praia chique dos belgas.

O vencedor partiu cotado a 18/1 e é propriedade de Mr. José Mignon.

FUTEBOL

Na América do Sul

OS campeonatos de futebol dos países sul-americanos prosseguem de vento em popa.

Na Argentina, vai já na décima quarta jornada, distinguindo-se o Boca Juniors, River Plate, San Lorenzo e Estudiantes.

No Brasil, o Vasco da Gama derrotou o América (5-1), o Fluminense o S. Cristovam (2-0), Botafogo o Bangu (7-1) e Flamengo o Canto (6-2).

No Uruguai, Nacional e Central empataram (1-1), o Miramar ganhou aos Wanderers (2-1) e Liverpool ao River Plate (2-1).

O campeonato da Argentina

TERMINOU a primeira volta do campeonato argentino de futebol. O entusiasmo popular, sempre em ponto de ebulição, pode traduzir-se por meio dos seguintes números: mais de 250.000 pessoas presenciaram os desafios do último dia, distribuídas por oito «campos» de Buenos Aires.

O jogo entre o campeão de 1945, o River Plate, também denominado clube dos milionários, e o Racing foi presenciado pelo Presidente da República, sr. Péron. Rendeu 168.125 pesos, quantia superior ao recorde estabelecido no ano anterior com 162.232.

Actualmente vai na frente da classificação, com 22 pontos, duas derrotas e quatro empates, o River Plate, seguido do Boca Juniors, com 21 pontos, quatro derrotas e um empate.

A revelação da temporada denomina-se Chacarita Juniors. Segue em 5.º lugar, antecedido pelo San Lorenzo de Almagro (20 pontos) e Independente (19), a um ponto de diferença deste último.

Estão em perigo de baixar de divisão o Tigre e Velez Sarsfield (10 pontos) e sobretudo o Ferrocaril (7), que é o caudatário do agrupamento.

TIRO

Suecos contra helvéticos

NO encontro internacional de tiro de espingarda, travado entre as equipas representativas da Suécia e da Suíça, que se realizou em Basileia, esta última ganhou aquela por cinco vitórias individuais a uma.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

A U. R. S. S., esse país hermeticamente fechado e inacessível a estrangeiros, que a muitos parece segunda edição do Paraíso e outros temem como ao Inferno danlesco, acaba de apresentar-se em Oslo para competir nos campeonatos europeus.

Ninguém previa o lance teatral. Há mais de um ano, a Federação de Atletismo convidara a Rússia a filiar-se e a aceitar as regras do amadorismo. O convite não obteve a honra da mais singela resposta.

No dia 19 do corrente, porém, a estação rádio Moscú preveniu o mundo de que 23 atletas masculinos e femininos compareceriam aos Campeonatos da Europa de Atletismo, seguindo dentro em breve de avião.

Foi uma espécie de bomba atómica! Reuniu-se imediatamente um concílio de seis países competidores para se estudar o problema criado pela delegação russa.

A questão punha-se nos termos seguintes: pode um país não filiado participar nos Jogos, sabendo-se, tanto mais, que os seus atletas recebem prémios pecuniários pelos seus feitos?

A primeira vista, seria impossível resolver favoravelmente a questão, mas o concílio, actuando com muita inteligência, informou os delegados soviéticos que se aceitava o concurso da Rússia para demonstrar todo o desejo de boa vontade e cooperação que anima as democracias europeias.

A equipa soviética compreende onze mulheres, que devem dominar, em absoluto, as demais concorrentes. Quanto ao sexo forte, os atletas parecem possuir apenas valor mediano, a avaliar pelo que se observou durante os treinos.

O treinador russo, V. Assilier, comentando o assunto das remunerações percebidas no seu país, teve esta curiosa saída:

«No meu país todos os atletas são amadores puros. É verdade que os baleadores de recordes recebem dinheiro, mas não o recebem da entidade dirigente. É o próprio Governo que lhes paga, como prémio de mérito, à semelhança do sucedido com cientistas e artistas de nomeada, sempre que produzirem uma obra notável».

Assim mesmo. Esta modalidade original de encerrar o amadorismo ainda não fora inventada nem prevista. Valha a verdade que entre nós não faltam outros sistemas menos expeditivos, embora muito mais clássicos e não menos rendosos, para cobrar dinheiro e permanecer amador.

R. B.

CICLISMO

Os Campeonatos do Mundo

O velódromo de Oerlikon (Suíça), onde se disputam presentemente os campeonatos mundiais de ciclismo, tem capacidade de alojar doze mil espectadores. O circuito de quinze quilómetros de estrada em redor de Zurique, onde várias tribunas foram elevadas para conter público, pode reunir quase outro tanto. Em resumo, no conjunto, não faltarão pessoas a aplaudir e incitar os corredores das vinte nações concorrentes.

Entre estas, comparecem, pela primeira vez, a Índia, a China e o Uruguai. A minúscula república de São Marino tem um representante profissional, Gino Mello. A Espanha sempre enviou Berrendero, Orbaiceta, Trueba e Olmos.

Portugal, ficou ausente.

Os prognósticos mais abalizados predizem vitórias do ciclista inglês Harris e do holandês Van Vliet, nas provas de velocidade; dos franceses Chaillot e Lemoine, dos suíços Besson e Helan, do italiano Frosio, nas corridas de

fundo; dos dinamarqueses Viberg e Peterson, dos franceses Piel e Blanchet, do Suíço Kolbert, do holandês Peters e do italiano Ortelli, em provas de perseguição.

Nas corridas de estrada, a luta decisiva travar-se-á entre belgas e italianos, que são os mais experimentados e mais competentes estradistas da actualidade.

Pelo que respeita aos amadores, os prognósticos são muito difíceis por falta de elementos comparativos.

AUTOMOBILISMO

Um recorde mundial em automóvel

O vencedor da famosa corrida de Indianápolis, George Robson, estabeleceu um novo recorde mundial para automóveis com motores de jacto, percorrendo a distância de uma milha (1609 metros) em 35 segundos e 29 centésimos, isto é, menos um

ATLETISMO

As mulheres russas

AS onze concorrentes soviéticas aos campeonatos europeus parecem dotadas de força masculina.

Nina Dumbadze, recordista russa do lançamento do disco, lança diariamente, sob a mirada atónica das concorrentes estrangeiras, o engenho a mais de cinquenta metros. Actualmente o máximo oficial é de 48,31, conseguido pela alemã Mauermayer, e ninguém se aproxima deste resultado.

Imagine-se, pois, o pasma das futuras adversárias de Nina!

O finlandês Heino em dificuldade

UM dos concorrentes mais cotados às provas de fundo (5.000 ou 10.000 metros...), o atleta finlandês Heino, foi acusado de ter ganho, por duas vezes, importâncias de 100 libras como pagamento do seu «trabalho» atlético. Depois de discutido o caso no Congresso da Federação Internacional, e vistas as facilidades concedidas aos rusos, resolveu-se aceitar a sua inscrição.

As notas mais salientes que se produziram em consequência deste facto foram as seguintes:

Primeiro, a Suécia pretende requalificar os famosos Gunder Haegg e Arne Andersson, pois entende que ou há moralidade ou comem todos.

Segundo, o corredor Sidney Wooderson, demonstrando as suas qualidades brilhantes de desportista, declarou:

«Nenhum campeonato o é verdadeiramente se não podem concorrer os amadores, os semi-amadores e os profissionais».

Nobres palavras na boca de um nobre representante de um grande País.

segundo e 37 centésimos que a marca antecedente, realizada por Red May, em 1945.

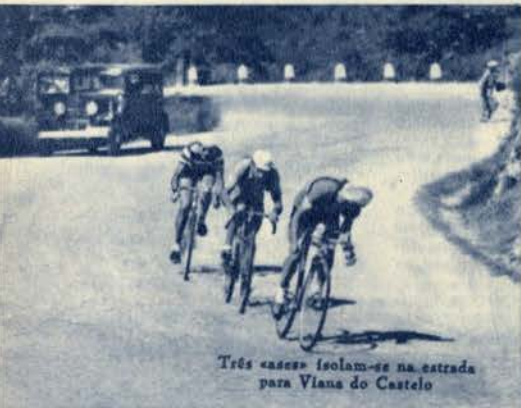
O recorde mundial absoluto da milha, com motores a gasolina, pertence ao corredor inglês John R. Cobb, desde 23-8-939, num automóvel especial, Raiton Red Lion, em 9 segundos e 76 centésimos, o que equivale à velocidade horária de 593, km. e 354 metros!



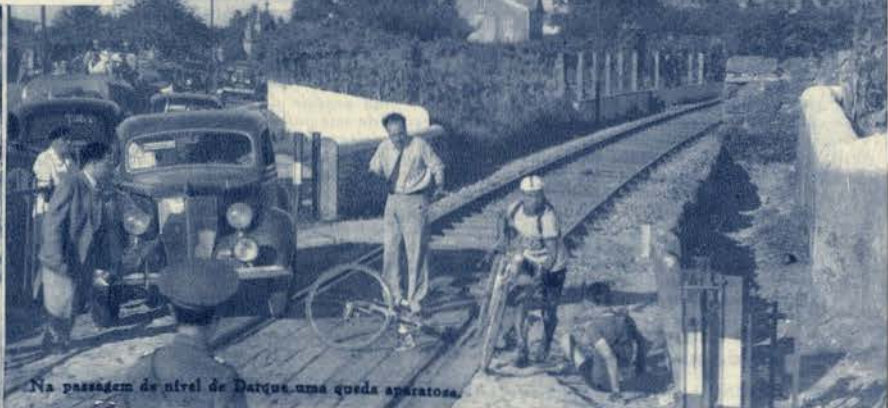
Um trecho de estrada para Viana do Castelo. Os ciclistas em fila indiana preparam forças para o arranque final



Os corredores em plena luta. Os olhos já vêem a meta em Viana do Castelo



Três «ases» isolam-se na estrada para Viana do Castelo

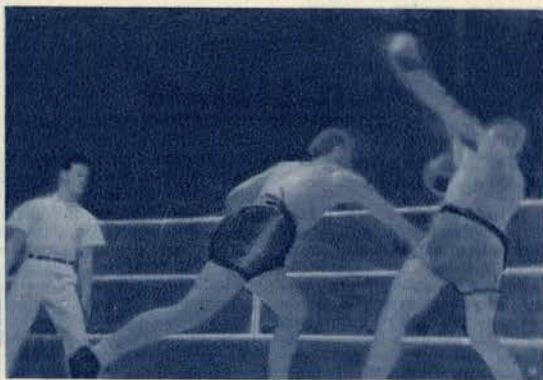


Na passagem do nível de Darque, uma queda aparatosa.



Gustódio dos Reis ganha a etapa Monção-Viana do Castelo

BOX e ATLETISMO



Na praça de touros de Algés, um aspecto do combate de Guilherme Martins, no decorrer de uma triste sessão de box



No Estádio do Lumiar disputaram-se os Campeonatos Nacionais Femininos e o torneio para a taça «Afonso Salseado»

- 1 — A entrega da taça «Afonso Salseado» à equipa do Sporting
- 2 — A equipa do Benfica, vencedora da estafeta 60x80x100 — Duro, Dorez e Paquete
- 3 — A chegada dos 60 metros femininos. Ivoe Martins, do Belenenses, em boa chegada





Stadium

A Revista dos Desportistas

A EQUIPA DO DESPORTIVO DE «A ILUMINANTE»



2.º Classificada na XI volta a Portugal

Stadium

A Revista dos Desportistas